

ROSA OU AZUL? BRINQUEDOTECA: PELA LIBERDADE NA ESCOLHA DOS BRINQUEDOS

Jessica Nayara Tamborim
Luciana Grandini Cabreira
Adriana Salvaterra Pasquini
Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

RESUMO

Para que o brincar possa alcançar sua característica frivolidade tal qual Brougère (1998) defende, precisa romper com o que propõe a mídia e as escolas que ainda defendem um tipo de brinquedo que diferencia as crianças (Louro, 1997), reforçando papéis construídos socialmente. Desenvolvemos este estudo na Brinquedoteca da UNESPAR de Apucarana a fim de compreender as escolhas que as crianças fazem dos brinquedos distribuídos no espaço, para tanto nos baseamos na abordagem qualitativa com a técnica de observação participante. Nos atendimentos as crianças, estando livres para escolher as atividades e brincadeiras, ainda nos surpreendem pelos agrupamentos que fazem, com uma divisão com os meninos explorando jogos e armas, e as meninas se fechando em um universo de brinquedos cor-de-rosa. Brougère alerta que “antes de questionar as interações que se instauram entre a criança e o brinquedo, é preciso especificar o que é fornecido para junto, bem próximo da criança com o brinquedo” (2001, p. 63), por isso notamos que para que possam se permitir explorar e brincar livremente precisam, muitas vezes, de um convite que desconstrua a ideia de que existem brinquedos e papéis de meninos e de meninas, para ambos embarcarem na brincadeira livremente.

Palavras-chave: Brinquedoteca e Educação; Sociedade e Discursos Midiáticos; Mídia e Infância

INTRODUÇÃO

Você já parou para pensar e se perguntou qual o motivo de rotularmos as cores fazendo uma distinção de acordo com os sexos? Desde o nascimento as cores são usadas para diferenciar meninos de meninas, e conforme se cresce adotamos a convenção ou “tendência” de que o azul é para meninos e a cor rosa para as meninas.

Também classificamos os brinquedos: o ferro é rosa porque é tarefa para menina ou o carrinho é azul porque é para o menino e em geral se organiza os

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



brinquedos pela cor. Apenas fabricam: pia, fogão e geladeira na cor rosa porque acredita-se que são destinados às tarefas femininas, isto acontece devido ao fato de vivemos em uma sociedade de sexistas, onde a cultura predominante é a patriarcal, essa situação não fica apenas na fabricação dos brinquedo, visto que ocorre também nas brincadeiras, meninas são ensinadas a brincarem em atividades mais calmas e a serem recatadas, já os meninos podem se aventurar em atividades mais intensas e até agressivas, para se tornarem fortes e “durões” (Silva, Silva, Santos 2009).

Essa cultura sexista está presente no cotidiano desde o berço. Com certeza você já ouviu a frase “menino não chora” ou “menina senta com as pernas fechadas”, construímos um padrão do que é certo para cada um, e espera-se que hajam de acordo.

A liberdade tão defendida e almejada por todos raramente é alcançada quando se trata de escolher um simples brinquedo! O universo infantil sempre revestido de uma aura de inocência, carrega o fardo do preconceito até na escolha das cores dos brinquedos, parceiros na fantasia infantil.

Para que o brincar possa alcançar sua característica frivolidade tal qual Brougère (1998) defende, precisa ser livre. Liberdade esta que, muitas vezes, não existe, uma vez que, a escolha dos brinquedos vem sendo determinada pelo que se convencionou socialmente nas propagandas, programas de TV e nas escolas que ainda defendem um tipo de brinquedo e brincadeira que diferencia meninos e meninas (Louro, 1997), reforçando papéis construídos socialmente.

O presente trabalho foi desenvolvido no espaço da Brinquedoteca da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná – Campus de Apucarana a fim de compreender as escolhas que as crianças fazem dos brinquedos distribuídos no espaço.

As observações das interações desenvolvidas no espaço promoveram uma reflexão do brincar em um espaço planejado e organizado para receber crianças, proporcionando uma reflexão das escolhas que fazem, para além disso também são desenvolvidos jogos e brincadeiras em que meninos e meninas podem se divertir juntos, sem que os papéis socialmente construídos sejam reforçados em uma disputa dos sexos, comum nos programas infantis de outrora, para na convivência

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





encontrarem caminhos para superar os modelos e estereótipos que limitam o desenvolvimento de uma convivência mais rica e pacífica.

BRINQUEDOTECA: ESPAÇO DE FORMAÇÃO E INTERAÇÃO

O Projeto “Brinquedoteca...” desenvolve ações para a formação de estudantes de Pedagogia e de outras graduações em Apucarana, nos cursos, oficinas e supervisões são trabalhados diferentes temas, dentre estes está a desconstrução das relações de gênero vinculadas aos brinquedos, como forma de promover a liberdade no brincar, e a ampliação dos papéis que meninos e meninas possam desempenhar no jogo, sem que estejam limitados por convenções sociais.

Inaugurada no dia 10 de novembro de 2015 a brinquedoteca apresenta uma grande variedade de brinquedos, que coloca à disposição das crianças que visitam o campus com suas turmas da escola, nos atendimentos os estagiários auxiliam as crianças que chegam acompanhadas das professoras. Desde sua inauguração já foram atendidas na Brinquedoteca mais de 170 crianças na faixa etária de 6 a 12 anos.

Quando as crianças adentram o campus universitário trazem a expectativa de se divertirem livremente, por isso chegam com os olhos brilhando, explorando o espaço em busca de alguma aventura. Durante os atendimentos meninos e meninas podem se misturar e escolher os brinquedos que desejarem tendo nos estagiários a mediação (para dominar e compreender as instruções da caixa ou para vestir as fantasias disponíveis no espaço).

Mesmo não havendo uma divisão entre meninos e meninas somos surpreendidos pelo agrupamento que fazem, com os meninos explorando jogos de montar e armas nas suas aventuras, enquanto as meninas se agrupam nas fantasias, na cozinha, no cuidado das bonecas que vestem e enfeitam e nas literaturas com contos de princesas.

São raros os casos em que observamos meninos e meninas brincando juntos, dividindo tarefas e aventuras e mesmo quando alguém se “atreve”, o olhar da professora que os acompanha soa como um sensor no caminho do brincar.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Brougère (2001) chama atenção para o fato dos brinquedos produzidos pelos adultos virem carregados de conteúdos simbólicos que são transmitidos e reforçados, limitando a criatividade infantil, como se não pudessem agir livremente, tendo que cumprir o que é esperado.

Assim, Brougère alerta “antes de questionar as interações que se instauram entre a criança e o brinquedo, é preciso especificar o que é fornecido para junto, bem próximo da criança com o brinquedo (2001, p.63), por isso notamos que para que a criança possa se permitir explorar e brincar livremente precisa, muitas vezes, de um convite.

No espaço da brinquedoteca os estagiários sugerem que outros grupos se formem na brincadeira e meninos e meninas possam se divertir juntos. Ainda que uma certa censura continue a ser exercida pelo que se convencionou de menino e de menina. Vemos que as possibilidade de formação identitária, permitem uma maior liberdade na escolha dos brinquedos que, não raro, reproduzem tarefas do lar, jogos cooperativos e desafios, em uma convivência mais harmônica e pacífica.

Brougère (2001) quando descreve o brincar aborda os limites que a ludicidade alcança no olhar do adulto que prepara os brinquedos e os molda dentro de um olhar carregado de significados e de uma cultura que estabelece modelos a serem seguidos.

[...] na medida em que se trata da materialização de um projeto adulto destinado às crianças, (portanto, vetor cultural e social) e que tais objetos são reconhecidos como propriedade da criança, oferecendo-lhe a possibilidade de usá-los conforme a sua vontade no âmbito de um controle adulto limitado (BROUGÈRE, 2001, p.63).

Brougère (2001) quando descreve o brincar aborda os limites que a ludicidade alcança no olhar do adulto que prepara os brinquedos e os molda dentro de um olhar carregado de significados e de uma cultura que estabelece modelos a serem seguidos.

A brincadeira não é um comportamento específico, mas uma situação na qual esse comportamento toma uma significação específica. É possível ver em que a brincadeira supõe comunicação e interpretação. Para que essa

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



situação particular surja, existe uma decisão por parte daqueles que brincam: decisão de entrar na brincadeira, mas também de construí-la segundo modalidades particulares. Sem livre escolha, ou seja, possibilidade real de decidir, não existe mais brincadeira, mas uma sucessão de comportamentos que têm sua origem fora daquele que brinca (BROUGÈRE, 2001, p. 100).

Assim, destacamos neste ensaio a necessidade de ampliar a visão que se tem do brincar, favorecendo a cultura lúdica de meninos e meninas sem restringir o acesso ao brinquedo ou à brincadeira, que precisa acontecer sem as amarras sociais que presenciamos no espaço da brinquedoteca com uma divisão clara entre as atividades desempenham guiados por padrões sociais em uma sociedade sexista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pais em geral influenciam a distinção de gênero no brincar apresentando as crianças com brinquedos que acreditam ser mais adequados para meninos e outros para meninas, mas esquecem que a criança se faz consciente desde muito cedo dos gêneros, aprendendo a separar o que é de um e de outro, e desde então separam seus brinquedos de acordo, restringindo cores e espaços de interação.

Na pesquisa de campo realizada na brinquedoteca da Universidade Estadual do Paraná, observamos que meninos são mais “durões” e preferem brincar com outros meninos em brincadeiras envolvendo sempre algo demasiado “perigoso” ou com uso excessivo de “força”, podemos notar também que não deixam as meninas terem a participação, por acreditarem que estes brinquedos não são destinados a elas.

Do mesmo modo notamos que se um menino quer brincar com a boneca ou cuidar da casa é “zoad” pelos colegas e em alguns casos criticado pelas meninas, que acabam reproduzindo o que aprenderam na arena social.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Refletir sobre a cultura e os valores que os brinquedos carregam pode ajudar na desconstrução de uma série de preconceitos e estereótipos na relação de gêneros (Louro, 1997), permitindo que as crianças se exercitem no brincar explorando diferentes situações que poderão contribuir na sua formação identitária sem os velhos preconceitos gestados na sociedade.

Em virtude da tradição colocamos em destaque mais as diferenças entre homens e mulheres, reforçando que há um modelo a ser seguido, quando deveríamos colocar em questão que brincadeiras ou brinquedos não se diferenciam de meninos ou meninas.

Observamos no espaço da brinquedoteca que brincadeiras em que meninos e meninas atuam juntos desenvolvem habilidades para ambos trabalharem em grupo. Notamos que meninos que brincam com meninas tendem a se tornarem pais e pessoas melhores, já as meninas que não são criadas em uma condição fragilizada podem crescer mais seguras de si.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 61-75.

_____. *Jogo e Educação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

CARREIRO, Lidiane. Conceitos e preconceitos sobre sexualidade na educação infantil. In: *Enlaçando Sexualidades*, 2013, Salvador. Anais do Seminário Enlaçando Sexualidades, 2013.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Valorização ou Esvaziamento do Trabalho do Professor?* - um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. *Pro-Posições: Dossiê: Educação Infantil e Gênero*, vol. 14, nº 42, 2003, p.89-102.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*/ Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Realização:



Apoio:





VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. *Por uma educação não sexista. Por uma educação não sexista*. Rio de Janeiro: CAMTRA, 2009.

ABSTRACT

In order for play to reach its characteristic frivolity, as Brougère (1998) argues, it must break with what the media propose and schools that still advocate a kind of toy that differentiates children (Louro, 1997), reinforcing socially constructed roles. We developed this study in the Brinquedoteca of UNESPAR of Apucarana in order to understand the choices that the children make of the toys distributed in the space, for this we base ourselves on the qualitative approach with the technique of participant observation. In attendance the children, being free to choose the activities and games, still surprise us by the groupings that they do, with a division with the boys exploring games and arms, and the girls closing in a universe of pink toys. Brougère warns that "before questioning the interactions between the child and the toy, it is necessary to specify what is provided for together, very close to the child with the toy" (2001, 63). Who are allowed to explore and play freely, often need an invitation that deconstructs the idea that there are toys and roles of boys and girls, so that both can play freely.

Keywords: Toys and Education; Society and Media Discourses; Media and Childhood

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

